
**DEBATE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADES NO ENSINO TÉCNICO:
Experiências no Instituto Federal de Sergipe-IFS-Brasil**

**GENDER AND SEXUALITY DEBATE IN TECHNICAL EDUCATION:
Experiments at the Federal Institute of Sergipe-IFS- Brazil**

Patricia Rosalba Salvador Moura Costa¹

RESUMO: O artigo é fruto de um projeto de extensão que está em fase de desenvolvimento junto ao Instituto Federal de Sergipe². Objetiva expor maneiras em que o debate sobre as questões relacionadas às categorias gênero e diversidade pode ser realizado com jovens estudantes do ensino técnico. É uma proposta que propicia o contato com temáticas referentes aos Direitos Humanos, sobretudo, no que diz respeito ao entendimento das diferenças de gênero e as consequências que isto traz para o aprofundamento das diversas formas de desigualdades sociais. A metodologia segue o planejamento e execução de oficinas temáticas junto a turmas dos 3º e 4º anos letivos dos diversos cursos técnicos da instituição. Através dessas práticas buscamos aproximar os jovens estudantes de temas importantes e com bastante repercussão na contemporaneidade, sendo possível vislumbrar uma desnaturalização de preconceitos arraigados e contribuir para o debate científico.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Diversidade; Educação e Direitos Humanos

ABSTRACT: The article is based on an extension project that is being developed by the Federal Institute of Sergipe. Aims to expose ways in which the debate on issues related to gender and diversity categories can be realized with young students of technical education. It is a proposal that provides contact with themes relating to human rights, especially with regard to the understanding of gender differences and the consequences that this brings to the deepening of the various forms of social inequality. The methodology follows the planning and execution of themed workshops along the courses of the 3rd and 4th academic years of various technical courses of the institution. Through these practices we seek to bring young students to important issues and with enough impact in contemporary times, it is possible to envisage a denaturalization of ingrained prejudices and contribute to the scientific debate

KEY-WORDS: Gender, Diversity, Education and Human Rights

¹ Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, e professora de Sociologia do Instituto Federal de Sergipe- Campus Aracaju.

² Projeto de Extensão "Um Dedo de Prosa: Debate sobre Gênero e Diversidade na Escola", aprovado pelo Edital PIBEX-IFS, 2013.

INTRODUÇÃO

“Talvez seja mais produtivo para nós, educadoras e educadores, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e de práticas como um “problema” e passar a pensá-las como constituinte do nosso tempo” (LOURO, 2010, pg. 51)

O debate teórico sobre gênero e diversidade na escola está ancorado através de uma perspectiva interdisciplinar que propõe alargar as reflexões em torno da temática. Para as Ciências Sociais e Humanas, o conceito de gênero se refere à construção social do sexo anatômico, portanto, “Ele foi criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social (...) Assim, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos” (BRASIL, 2009, pg. 41).

Gênero deve ser lida como uma categoria analítica, como raça, classe ou etnia. Esta definição pertence à historiadora estadunidense Joan Scott (1989), trata-se de uma categoria de valor histórico e cultural, que nos ajuda a pensar diferenças nas relações e nos discursos sobre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres.

O modo como homens e mulheres se comportam em sociedade está diretamente ligado ao aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero, “Há uma expectativa social em relação à maneira como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, mostrar seu corpo, brincar, dançar, namorar, cuidar do outro, amar etc” (BRASIL, 2009: 40). Essas experiências e atitudes estão ligadas às formas de comportamento e aprendizagem social, muitas vezes naturalizando preconceitos, violências e desigualdades, sobretudo quando não se considera, ou não se percebe a importância de conhecer a diversidade sociocultural que constitui a humanidade. As diferenças não podem ser percebidas como sinônimo de defeitos em relação a um padrão dominante, considerado como parâmetro de “normalidade”, as mesmas necessitam ser compreendidas à luz das teorias para que possam ser percebidas como fazendo parte da diversidade cultural e social que acompanham a história da humanidade (BUTLER, 2003).

De acordo com (LOURO, 2010) é importante perceber a maneira como se encontram organizadas as relações de gênero em diferentes contextos e como se

formam as representações e os significados atribuídos às diferenças corporais, aos comportamentos e aos modos de apresentação de si mesmo de homens e mulheres que constituem as instituições. A escola é um exemplo de instituições construídas pelas relações de gênero, é um espaço em que representações e significados acerca do masculino e do feminino, enquanto formas de classificação social, se constroem, se reproduzem, são aprendidas e ensinadas, ao mesmo tempo em que se legitimam de diferentes maneiras, pelas construções de gênero e por aquelas que se referem, por exemplo, à orientação sexual, às questões geracionais e de classe social.

É a partir dessa perspectiva que o presente texto se orienta, considerando a relevância de formar cidadãos conscientes, desconstruindo preconceitos e fomentando um debate científico à luz da importância de respeitar a diversidade humana e perceber que as diferenças de gênero não são naturais, mas construídas socialmente, e que mudanças na maneira de encarar tais questões podem ajudar a construir uma sociedade mais igualitária e reflexiva (LYOTARD, 1986).

Sendo assim, este artigo tem como objetivo trazer resultados sobre o projeto de extensão “Um Dedo de Prosa: Gênero e Diversidade na Escola”, que está sendo desenvolvido junto a alunos/as do nível técnico integrado matriculados/as no Instituto Federal de Sergipe-IFS³. O objetivo do projeto é levar ao IFS, uma instituição centenária, tecnológica, com predominância de um público muito de grande de alunos e professores do sexo masculino, o debate sobre gênero e diversidade. Esta é uma instituição que reúne estudantes de vários níveis e idades. É um espaço riquíssimo em termos de diversidades, pois numa mesma área, e num mesmo momento é possível reunir gerações. O texto fomenta a reflexão em torno de modelos didáticos utilizados para explorar o debate teórico sobre gênero e diversidade entre jovens adolescentes.

³ Modalidade de ensino em que integra disciplinas do Ensino Médio e Técnico. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe foi criado, de acordo com o [Projeto de Lei 3775/2008](#), mediante integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe e da Escola Agrotécnica Federal de [São Cristóvão](#). Atualmente existem seis *campi* localizados nos municípios de Aracaju, Estância, Nossa Senhora da Glória, Itabaiana, Lagarto e São Cristóvão. No campus Aracaju são ofertados os seguintes cursos: Alimentos, Desenho da Construção Civil, Edificações, Eletrotécnica, Eletrônica, Engenharia Civil, Hospedagem, Informática, Matemática, Petróleo e Gás, Pesca, Química, Segurança no Trabalho, Saneamento Ambiental e Turismo

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia está ancorada na realização de oficinas temáticas sobre gênero e sexualidades com jovens estudantes do ensino técnico integrado do IFS, baseia-se numa perspectiva interdisciplinar e transversal, considerando que a produção de conhecimento na atualidade requer a elaboração de diálogos com outras áreas correlatas às humanidades (ALVARENGA, 2011). Sendo assim, a realização das oficinas ocorre mensalmente com turmas variadas dos diversos cursos técnicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, o objetivo é que o projeto seja desenvolvido e consiga abranger o maior número de estudantes possível.

A realização das oficinas parte do princípio metodológico de que alunos/as e professores/as constroem conhecimentos juntos, portanto, as experiências de vida dos/as estudantes, e o conhecimento que os mesmos trazem são considerados no processo de aprendizagem durante a realização dos trabalhos. Nesse sentido, toda a metodologia de realização de oficinas é planejada com atividades que envolvam as turmas (Freire, 2009).

As oficinas são desenvolvidas por temáticas diferentes que envolvem as questões de gênero e Direitos Humanos, são planejadas a partir de pesquisas teóricas, em mídias sociais- Blogs, jornais e revistas buscando informações recentes que façam parte do cotidiano dos/as alunos/as. No final de cada oficina, com os resultados elaborados pelos/a alunos/as é confeccionada um banner, contendo os resultados do trabalho que é exposto em novas oficinas e na instituição de ensino para apreciação de um público maior.

Os resultados apresentados neste artigo fazem parte do trabalho realizado em duas oficinas com alunos/as de três turmas distintas do Instituto Federal de Sergipe. A primeira oficina foi realizada com o 4º ano de informática, com o tema: Gênero, Diversidade e Direitos Humanos: conceitos importantes para o conhecimento do mundo social. A segunda oficina foi composta por alunos/as do 2º ano Eletrônica e do 3º ano de Química, e o tema trabalhado foi: Gênero no Cotidiano Escolar. A metodologia aplicada considerou o desenvolvimento dos temas através de subtemas: Sexualidades, Preconceito, Diversidade, Direitos Humanos e Desigualdade de Gênero. As turmas foram divididas em grupos, houve a distribuição

dos materiais (revistas, jornais, cartolinas, canetas hidrográficas) para confecção de cartazes. Todos/as alunos/as confeccionaram cartazes em grupo, após esse momento apresentaram aos colegas a produção e houve bastante debate, por fim, a equipe responsável pelo desenvolvimento dos trabalhos fez o fechamento das atividades com apresentação dos conceitos.

PROSEANDO SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS, CONHECIMENTOS, (DES) CONSTRUÇÕES

A confecção dos resultados aponta para um processo de reflexão em torno de questões caras ao debate acadêmico e político atual vinculado ao gênero, diversidade e Direitos Humanos. Durante o primeiro momento da oficina, que constou da elaboração de cartazes a partir de temas pré-estabelecidos e já mencionados na metodologia, pôde-se perceber um grande envolvimento dos/as aluno/as em relação a cada assunto, e vários debates gerados a partir as opiniões diferentes, mas importantes para a confecção do cartaz (figura 1).



Figura 1 - Alunos confeccionando os cartazes na oficina.

No cartaz da diversidade (figura 2) os/as alunos/as decidiram que a melhor forma de representar a diversidade foi colando figuras e frases que pra eles/as definiam a diversidade a partir de aspectos políticos, religiosos e culturais. Produziram um cartaz com assuntos envolvendo política, religião, racismo, cultura. Escolheram imagens de líderes políticos, religiosos e frases como “A riqueza humana consiste na diversidade cultural, religiosa do presente e do passado”, outra frase que

destacaram foi a de Karl Max “Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência” e ao lado da frase colocaram um foto de Chorão, cantor da banda Charlie Brown Jr. que possuía várias tatuagens, sendo destaque na foto as dos braços onde tem tatuado a frase “skate por toda a vida” mostrando que não tinha só a paixão pela música, mas também pelo skate, abordando aspectos relacionados à contracultura, a juventude e as escolhas.



Figura 2 - Cartaz produzido pelo grupo 3 da turma do 4º ano de informática.

No cartaz referente ao tema Direitos Humanos, os/as alunos/as seguiram a mesma estrutura do cartaz da diversidade ligando fotos de revistas à frases, uma foto que marcou o cartaz foi a do então presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minoria-2013, o deputado Marcos Feliciano (figura 3)⁴. A imagem ganhou destaque no centro do cartaz com uma frase citada pelo deputado “A raça humana para crescer precisa de um homem e de uma mulher”, abaixo da foto os/as alunos/as colocaram a seguinte frase “Homossexualidade não é doença Seu Doutor”, fato importante, pois aponta que os/as estudantes estão atentos aos debates políticos e à importância do respeito à diversidade. O debate sobre homossexualidade foi intenso, e revelou a vontade por parte dos/as jovens de dialogar sobre o assunto e conhecer os aspectos de ordem científica e moral que envolvem o tema.

⁴ Os pastores evangélicos Marcos Feliciano e Silas Malafaia, construíram suas carreiras políticas baseados em discursos contra a diversidade sexual, e provocaram várias manifestações populares contra os seus posicionamentos, considerados preconceituosos.



Figura 3 - Foto retirada do cartaz confeccionado na oficina.

Para a produção do cartaz com o subtema Preconceito (figura 4) os/as alunos/as decidiram não utilizar recortes de revistas, escreveram uma frase que representasse para eles/elas a definição de preconceito. Com essa ideia desenharam duas palmas da mão uma com cor e outra sem cor e no centro um aperto das mãos mostrando assim que todos podem ser iguais. Para finalizar eles escreveram a seguinte frase de Henry Thoreau “Nunca é tarde para abrir mão dos nossos preconceitos”.

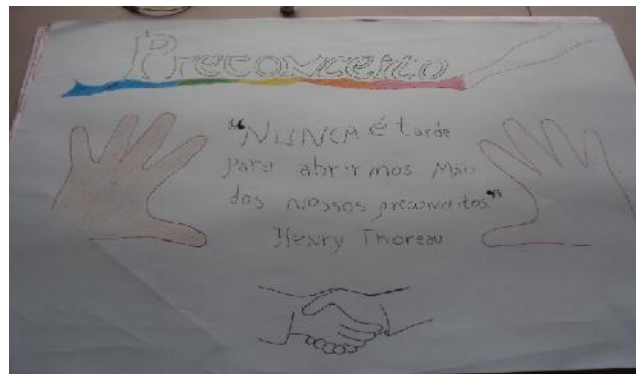


Figura 4 - Cartaz do preconceito

Já em relação ao subtema da Sexualidade (figura 5) os/as estudantes resolveram desenhar e colar figuras que representasse a diversidade sexual.

Começaram desenhando um homem e uma mulher de mãos dadas como representação do modelo de “casal tradicional”, em seguida colaram fotos diversas, focalizando o debate sobre a pluralidade sexual como a foto da cantora Daniela Mercury que no ano de 2013 assumiu no perfil de uma rede social manter um relacionamento homoerótico. Outra imagem que chamou atenção no cartaz expressava as manifestações políticas ocorridas em todo o Brasil no mês de junho de 2013, mas a foto escolhida para expor as manifestações trouxe bandeiras LGBTTT, sendo assim, o produto final do cartaz abordou relacionamentos entre mulheres, entre homens, entre idosos/as, mas também trouxe imagens que expressam a exploração do corpo feminino e a associação do mesmo ao consumo. Por fim, escreveram o nome sexualidade com letras de cores diferentes e embaixo desenharam casais heterossexuais e homossexuais deixando ao lado uma pergunta para refletir “Sexualidade qual a sua?”.



Figura 5 - Cartaz sexualidade

Em relação ao tema Desigualdade de Gênero, o grupo responsável optou por produzir o cartaz somente com frases e desenhos (figura 6), na parte de cima eles desenharam o símbolo do homem e da mulher separados pelo sinal de diferente e antes de uma interrogação deixando uma pergunta o homem é diferente da mulher? Dentro dos símbolos eles deixaram outra pergunta para todos/as refletirem, no símbolo do homem eles dizem: “O quão diferente você seria se estivesse nascido mulher?” e nos no símbolo da mulher eles perguntam “o quão diferente você seria se estivesse nascido homem?”. Em todo o cartaz eles colocaram frases representativas de desigualdades de gênero e acontecimentos históricos como a Revolução Industrial onde eles colocaram: “homens e mulheres se igualam diante das maquinas” deixando claro que homens e mulheres podem manusear as

mesmas máquinas; com a frase “a civilização progride, e propõe igualdade de gênero perante a justiça” eles relembram a evolução dos tempos, a conquista das lutas feministas tornando os direitos das mulheres iguais aos dos homens. Por fim eles deixam duas mensagens, a primeira é a pergunta “E hoje?” que nos leva a pensar como está a sociedade hoje com relação à desigualdade de gênero, após vários acontecimentos; e a segunda é a sugestão que todos/as colegas presentes ao debate assistam ao filme “TOOTSIE (1982)”⁵.



Figura 6 - Cartaz do tema desigualdade de gênero.

A segunda oficina, com as turmas dos 3º anos de Química e Eletrônica, foi dividida em cinco grupos que ficaram responsáveis por debater os temas já descritos acima. Após a escolha dos temas e distribuição dos materiais para confecção dos cartazes, destinou-se um tempo de 30 minutos para elaboração dos mesmos, nesse período, os/as alunos/as tiveram a oportunidade de discutir sobre a proposta temática, novamente houve um grande debate entre os grupos sendo necessário aumentar o tempo para 1 hora. O primeiro grupo a se apresentar explanou a temática do preconceito.

O grupo 1 (figura7) definiu preconceito como uma ignorância, um julgamento de pessoas pela aparência. Este grupo optou por fazer colagem com

⁵ Tootsie é um [filme norte-americano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tootsie) de 1982, do gênero [comédia](#), dirigido por [Sydney Pollack](#) que traz uma discussão sobre os papéis de gênero. De acordo com a história, desesperado em busca de emprego, Michael Dorsey, um ator perfeccionista e de temperamento difícil resolve se vestir de mulher para disputar um papel feminino em uma [telenovela](#). O que ele não esperava era obter tanto sucesso com o seu papel. Porém, manter a farsa fica cada dia mais complicado, especialmente porque ele se apaixona por Julie Nichols, uma das atrizes da telenovela, e caso ele se declare, acabará revelando que é um homem. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tootsie>, acessado em 09 de fevereiro de 2014.

imagens e matérias das revistas debatendo fatos como o preconceito racial, social e de gênero.



Figura 07 - Cartaz sobre preconceito da segunda oficina.

O grupo 2 (figura 8) promoveu uma discussão na turma ao separar em seu cartaz, costumes, socialmente ditos como femininos e masculinos. Como exemplo de coisas masculinas, tinha-se o poder de governar uma nação e os esportes culturalmente percebidos como masculino como futebol e fórmula 1; já para as mulheres foi conferido o lado sensível, o de cuidar dos filhos, cozinhar e de se arrumar. Em oposição a esse lado do cartaz, o grupo resolveu passar a ideia, de que hoje, muitos dos papéis desenvolvidos por homens e mulher se misturaram, dessa forma, há mulheres que chegaram ao poder (como a presidente da República do Brasil Dilma Rousseff) e que praticam esportes ditos masculinos, como o boxe, além de representar em seu cartaz os homens que auxiliam as mulheres em casa, com as tarefas ditas domésticas.

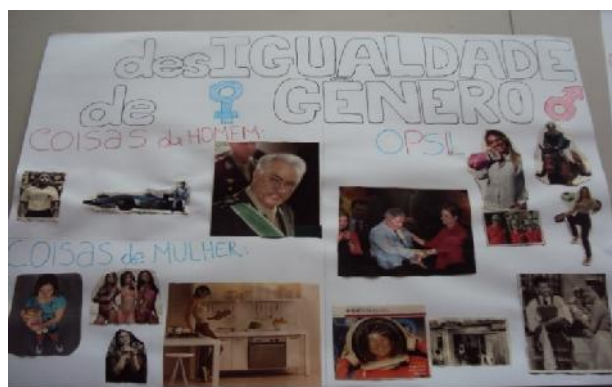


Figura 08 - Cartaz do tema desigualdade de gênero da segunda oficina

O cartaz referente aos Direitos Humanos (figura 9) abordou rapidamente um tema recente, vivido pelo Brasil, que são as manifestações que veem ocorrendo desde o começo do ano, e que começou pelo aumento da passagem de ônibus e hoje reivindica, dentre outras coisas, uma melhor qualidade de vida para a população. Com imagens que demonstram importantes Direitos Humanos como o de saúde e educação, o grupo promoveu um interessante debate entre os jovens. Abaixo imagens do cartaz com a figura marcante dos protestos que ocorrem recentemente no país, homem com a máscara do grupo Anonymous (Grupo que aparece com frequência nas manifestações que ocorrerem no Brasil contemporâneo) com a frase: “Não estou aqui pelo meu emprego, não estou aqui para baderna, não estou aqui por partido político, estou aqui pelo que é justo”.



Figura 09 - Cartaz sobre direitos humanos da segunda oficina

Na confecção do cartaz sobre diversidade (figura 10), os/as alunos/as utilizaram o espaço da cartolina para colocar figuras soltas em meio a frases. As frases eram: “Diversidade é muito mais que global! Exige respeito!”, “Vivendo lado a lado com a diversidade” e “Diversificar sem ferir os valores”. As imagens mostram a grande diversidade de fauna e de flora do Brasil, além da grande diferença étnica e cultural do povo brasileiro.



Figura 10. Cartaz sobre a diversidade da segunda oficina.

Por fim, um dos temas que mais causou polêmica nessa oficina foi o da sexualidade (figura11), os/as alunos/as ao colocarem casais heterossexuais e homossexuais levantaram uma questão, se a escolha da orientação sexual é uma opção ou se é uma doença. Ao apresentar a opinião da igreja acerca desse tema, os/as alunos/as entraram em um grande debate, já que entre eles/as havia aqueles/as que acreditavam que a igreja era contra a homossexualidade e discriminavam todos/as cidadãos que tinham essa orientação sexual, e, havia outros/as que se identificavam como membros de grupos religiosos e defendiam que apesar da igreja não apoiar os fiéis homossexuais, esta não os discriminavam. O debate sobre o posicionamento da igreja e as opiniões de líderes como religiosos como Marcos Feliciano e Silas Malafaia povoaram a oficina, contrapondo posicionamentos, evidenciando preconceitos, mas mostrando que as questões de gênero e sexualidade precisam com urgência estarem presentes no ambiente escolar, pois os/as estudantes estão ávidos por conhecimento e querem ter um espaço para se posicionarem sobre esses assuntos.



Figura 11. Cartaz do tema sexualidade da segunda oficina.

No fim das duas oficinas, foi possível perceber semelhanças entre os cartazes produzidos pelos/as alunos/as. No cartaz sobre sexualidade da primeira oficina e o de diferença de gênero da segunda, os alunos decidiram pintar os símbolos de feminino e masculino, propositalmente, de cores diferentes da usual para homens e mulheres, desta forma o símbolo de masculino foi pintado de rosa e o feminino de azul, mostrando assim que atualmente homens e mulheres têm direitos iguais. O tema central do cartaz de direitos humanos da Oficina 1 coincidiu com um dos temas mais debatido durante a apresentação dos grupos na Oficina 2, que foi sobre a cura gay e a posição do deputado Marco Feliciano. No plano da sexualidade, foi colocada pelos dois grupos a recente revelação de Daniela Mercury. Quanto ao tema preconceito, este foi escolhido por dois grupos nas duas oficinas, o que pode demonstrar que os/as estudante sentem maior confiança para expressar sua opinião sobre esse assunto.

Os debates foram ricos. Várias considerações sobre os temas, posicionamentos, exposição de experiências vividas no cotidiano, reconhecimento de que além de serem sujeitos que manifestam, muitas vezes, atitudes preconceituosas, também se veem como vítimas de preconceito, além do mais, foi possível perceber a disposição dos/as estudantes em debaterem temáticas, que para alguns estão envoltas de valores morais, aprendendo que, saber e respeitar a forma como o/a outro/a pensa é uma manifestação de atitude democrática diante da complexidade que é ser humano.

PARA NÃO FINALIZAR...

Os resultados obtidos com as oficinas realizadas, mesmo que em sua fase inicial, mostram o interesse dos/as estudantes pela temática, e contribuem para a desnaturalização de temas relacionados ao debate sobre Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, além disso, proporciona ao/s alunos/as o contato com discussões presentes no cotidiano. Chamou atenção no desenvolvimento deste trabalho, como os/as estudantes têm vontade de falar sobre esses assuntos, como eles participam ativamente, e como eles/as estão abertos/as a compreenderem teoricamente o que vivenciam na prática, este resultados dão a dimensão de que é possível levar o debate para a escola em todos os níveis, e proporcionar a desconstrução cotidiana

de preconceitos e desigualdades. Sendo assim, o processo de execução deste projeto trará para os/as alunos/as do IFS possibilidades de adquirir conhecimentos sobre assuntos importantes presentes na vida social brasileira, e, sobretudo, no cotidiano escolar, além de contribuir para a formação do cidadão crítico através de temas exigidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (1996).

A partir desta e de outras iniciativas, espera-se que alunos/as fortaleçam o papel que exercem de promotores/as da cultura do respeito e garantia dos Direitos Humanos, da equidade étnico-racial, de gênero e da valorização da diversidade para que a instituição escolar não seja um instrumento de reprodução de preconceitos, mas espaço de valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, A. ET al. T. Histórico, Fundamentos Filosóficos e Teórico-Metodológicos da Interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. S. **Interdisciplinaridade em Ciência Tecnologia e Inovação**. Barueri: Manole, 2011, p 3-68.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, **Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de Professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações étnico-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009- Rio de Janeiro: CESPESC, Brasília:SPM, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Plano de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe**, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: contexto, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, Gênero e Sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes et al. (Org.). **Corpo, Gênero e Diversidade**: um Debate Contemporâneo na Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p 41-52.

LYOTARD, Jean-François: **O pós-moderno**. RJ. Olympio Editora. 1986.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. **Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989

Recebido em 09 de dezembro de 2013.

Aprovado em 13 fevereiro de 2014.